

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 58 A — 1.º e 2.º Andar — Telef. 34.

Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa — Rua de Santo António, 133

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO



SALVEMOS AS CRIANÇAS, VÍTIMAS INOCENTES E MÁRTIRES

Quem pode nelas pensar, nesses milhares de crianças, bruscamente expulsas de seus lares em fumegantes ruínas, desoladamente lançadas nos lutos da orfanidade ou na agonia da incerteza, nos erros do pânico e da fome, na via da amargura dos destroços e da metralha, quem nelas pode sequer pousar os olhos enxutos? É primacial dever de todos nós, homens que não descuramos ainda o sentimento de humanidade, achegá-las ao nosso peito, limpar as lágrimas de sangue que sulcam em lancinante martírio suas faces angélicas e torturadas, dar-lhes conforto, abrigo, pão, aquecer-lhes o pobrezinho coração enregelado e tiritante com uma rêssea de esperança em dias melhores do que estes dias malditos do pior dos infernos.

Daqui, deste pequeno recanto da província, juntamos nosso comovido apêlo ao apêlo da Imprensa portuguesa, pelo que, pedindo licença, vamos transcrever o artigo do Diário de Notícias de 2 de Fevereiro, a que felizmente já correspondeu a Nota Oficiosa do Governo, publicada nos jornais do dia 6.

Não apenas pela extensão das suas ruínas, mas sobretudo pela profundidade da sua acção devastadora, a guerra actual pode considerar-se uma das maiores catástrofes da História. A conflagração terrível, cujas ameaças se estendem dia a dia, põe ao serviço da mais incruenta das lutas, de um e de outro lado dos contendores, os mais poderosos meios de destruição.

As condições do combate levam os campos de batalha — que outrora se limitavam ao embate militar dos exércitos — ao seio das populações civis, ao coração das cidades, a todas as comunicações marítimas e aéreas, imobilizando os transportes, levando o pavor, a desolação e a miséria a quase toda a Europa.

É a guerra, é certo. São as leis da guerra, — sobre as quais inútil é formular protestos sentimentais ou considerações filosóficas ou jurídicas. Os grandes cataclismos da Natureza ou as grandes hecatombes humanas, que se lhes assemelham, não se discutem. A Piedade Humana, sobre milhões de existências mutiladas ou sacrificadas, sobre o luto de um mundo que desaba, esconde os olhos dolorosos e tristes, enquanto as mãos, desesperadas e impotentes, se erguem somente para implorar Deus.

De todos os pontos da Europa, por onde passou ou passa a sombra da guerra, chegam, neste meado de inverno, que os rigores do tempo tornaram ainda mais inclemente, notícias confrangedoras. Não é apenas o espectro da Morte. É o frio. É a fome. Centenas de milhares de homens em êxodo e sem abrigo; a penúria crescente invadindo milhões de lares indefesos; o sinistro cortejo de todas as misérias humanas — formidável e trágica derrocada de uma época, cujos efeitos ainda estamos longe de medir. Males, na sua grande parte, anónimos e obscuros; horrores que o ardor das horas que vivemos não deixa ainda inteiramente descortinar por entre as nuvens espessas das paixões que dividem os homens; sofrimentos, na sua imensa maioria, pela inexorável fatalidade da catástrofe, impossíveis de evitar.

Mas nesta imensa tempestade, não é só o Presente que corre o risco de ficar mortalmente atingido. São as próprias forças do Futuro — património e tesouro do dia de amanhã — que ameaçam ser aniquilados. Não são apenas homens, velhos, mulheres, sepultados sob os destroços das explosões — ou que perecem uns, definham outros, nas privações sem remédio. São milhões de crianças também — as futuras messes humanas — condenadas não apenas ao formidável desgaste nervoso da tragédia, de que são vítimas inocentes, mas ameaçadas pela falta de alimentos e pelo decaimento físico. O relatório do Presidente Hoover, cujo resumo antecede publicamos, desvenda uma parte do drama que pesa sobre a infância da Europa. A razão do leite começa a faltar.

É a guerra — mais uma vez o repetimos — avassaladora, inquietadora, estendendo o seu negro manto sobre a Europa. Não está nas nossas mãos impedi-la, nem impedir os seus processos de extermínio ou sofrimento e as suas consequências. Não está no nosso intuito e muito menos nas nossas possibilidades, encurtar de um dia ou de um minuto sequer, um conflito que, na intransigência dos adversários em luta, ameaça prolongar-se. É cedo para prever, sequer de longe, o termo e os limites duma contenda, em que todas as intervenções, directas ou indirectas, seriam actualmente inoportunas ou prematuras.

Mas do fundo de um País neutro, que ainda não se cansou, desde o primeiro momento, na tarefa cristã de procurar suavizar todos os sofrimentos vindos ao seu encontro — sem olhar à sua proveniência, sem considerar povos, condições de classe, nem raças — do fundo de um País, dispondo de uma tradição espiritual incontestada e servindo um sentimento humano sem manchas, pode sair o apêlo em prol do que é possível e necessário salvar do naufrágio de uma época, para que ele não seja total. Que em defesa das crianças da Europa, condenadas pela guerra, se eleve, por cima de todas as frentes de batalha, por cima de todas as fronteiras, a voz de Portugal!

A neutralidade do nosso País, escrupulosamente mantida e personificada pela figura moral e universal de Salazar, cuja alta consciência europeia se projecta sobre toda a Nação, dá neste momento à voz da alma portuguesa uma autoridade e uma repercussão incomparáveis. Não se trata de violar as leis da guerra, nem de interferir na sua condução — mas de salvar do pavor da morte, do deffinamento físico inexorável, milhões de vidas infantis — inglesas, alemãs, francesas, italianas, belgas, holandesas, norueguesas, gregas, sem distinção — que representam a geração do Futuro, que representam a Europa de amanhã, seja ela qual for e que não têm culpas, directas ou indirectas, próximas ou remotas, nas tremendas responsabilidades cuja liquidação ensangienta, neste momento, um Continente.

Como é possível concretizar o nosso apêlo? Elevando-o primeiro; fazendo-o escutar, dando-lhe um espírito e uma missão, depois. Temos a convicção de que o Governo português e o seu grande Chefe darão a este movimento de solidariedade universal o seu apoio. Estamos certos de que os Governos nos países beligerantes o vão acolher com a simpatia que a justiça e a piedade comportam.

Nenhum país não beligerante ou neutro — desde a Espanha cristã e do seu admirável Caudilho, cuja alma generosa sente, nas cicatrizes dolorosas da sua Pátria, as inocentes dores que na Europa clamam socorro; desde os Estados Unidos da América, onde todos os movimentos de idealismo encontram eficaz abrigo, até aos mais distantes centros do Mundo — nenhum país, não beligerante ou neutro, deixará de vibrar em uníssono com o nosso por uma tão sagrada causa.

Procuraremos centralizar em Portugal — para essa nobre missão indicado, não apenas pela sua posição moral, mas pela sua situação geográfica — ajudas; coordenemos esforços, desde os da benemérita Cruz Vermelha Internacional e da sua magnífica organização; reunamos os elementos dispersos de uma acção filantrópica que resta apenas atrair e organizar.

Porque não pedir a adopção, em todos os países em guerra, de «cidades-abrigos» onde possam, em segurança refugiar-se as crianças expostas a perigos imediatos? Porque não solicitar e obter que em Portugal se crie um centro internacional de protecção às crianças, de distribuição, permitida pelos Governos beligerantes, de alimentos exclusivamente destinados às populações infantis, transportados sob uma garantia oficialmente reconhecida, do seu exclusivo fim benemérito?

Obra imensa; obra urgente; obra humana — pelo futuro, pela piedade da Europa!

Salvem as crianças, vítimas da guerra — porque é a própria Raça e a própria Civilização que salvaremos!

GAZETILHA

Num apêlo generoso, inteligente e formoso, falou um grande Jornal. E em toda a parte se ouviu, com comoção se sentiu, essa voz de Portugal.

Salve-se toda a criança em risco nessa matança que a pobre Europa alucina. Não se distingam nações, poupem-se os tenros botões à atroz metralha assassina.

Mal algum êles fizeram, ódio jamais mantiveram em suas almas formosas. Por que não de, pois, inocentes, sofrer como aquelas gentes que se odeiam, rancorosas?

Portugal é um paraíso nesta Europa sem juízo e onde campeia a maldade. Será, pois, deste recanto que vai estender-se o manto da bendita Caridade.

Ajude-mos a Cruzada, essa missão tão sagrada que comove os corações. Ninguém fuja ao seu dever, pois não podem perecer criancinhas aos milhões.

BELOATOUR.

Arquivo Judicial de Guimarães

Temos o prazer de noticiar que pela Secretaria Judicial da Comarca de Guimarães, e em cumprimento do disposto no § 3.º do artigo 120.º do Decreto n.º 19.952 de 27 de Junho de 1931, foram entregues na última semana de Janeiro ao Arquivo Municipal de Guimarães, os Processos criminaes, civis e orfanológicos dados por findos, que estavam há alguns anos nas lojas do edificio do Tribunal.

Tal acertada medida vem ao encontro das aspirações do público interessado, que daqui em diante poderá, com facilidade, ler e consultar os documentos respectivos, logo que a sua catalogação sistemática esteja concluída.

Sabemos que este trabalho já foi iniciado pelo inteligente Adjunto do Director do Arquivo Municipal, o nosso prezado amigo sr. Rodrigo Pimenta, com o método seguido na catalogação dos vários núcleos documentais já incorporados.

Uma Carta

Do illustrado sacerdote e nosso bom amigo rev. José Ferreira Leite recebemos a carta que a seguir transcrevemos, acolhendo de bom grado a sugestão nela apresentada.

... Senhor Director do «Notícias de Guimarães»

Profundamente sensibilizado pelo apêlo que o muito illustre jornal «Diário de Notícias», de Lisboa, fez ao povo português, de ir em socorro das crianças dos países em guerra, vinha lembrar à Digna Imprensa da minha terra a generosa idéa de secundar o referido apêlo, abrindo nos seus jornais, para o concelho de Guimarães, uma subscrição para este fim tão caritativo e ao mesmo tempo tão honroso para os nossos jornais «Comércio de Guimarães» e «Notícias de Guimarães».

Avante, pois, pela idéa, e por intermédio da Imprensa, visto o grito partir dela. Se esta minha lembrança tiver acolhimento nos bondosos jornais da minha terra, desde já me subscrevo com cem escudos para o «Notícias de Guimarães» e cem para o «Comércio de Guimarães».

Desculpe a impertinência e creia-me De V. ... am.º mt.º obg.º

P.º José Ferreira Leite.

Guimarães, 7 de Fevereiro de 1941.

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

Farpas

Os Paços do Concelho

Continuando na análise ao Relatório Municipal, só temos uma preocupação e um só desejo: — o de contribuirmos, tanto quanto caiba na nossa modesta ajuda, para o engrandecimento da terra de Guimarães.

Isto mesmo o tem compreendido aqueles que têm acompanhado esta seqüência de artigos e me têm trazido o seu honroso aplauso.

Do Relatório a que nos estamos referindo verifica-se que já estão em execução obras de reforma da cadeia comarca, de que a Câmara participa. Bem precisada estava a cadeia dessas obras, pelo que não podemos deixar de trazer o nosso aplauso à sua realização.

Quanto aos novos Paços do Concelho, o Relatório deixou antever uma possibilidade de que muito nos satisfaz e que, a realizar-se — e por que se não há-de realizar? — será mais uma das boas obras que, nos últimos tempos, tem contribuído para mudar para melhor a fisionomia cittadina.

Toda a gente sabe que as obras da Câmara, na estrada de Fafe, estão condenadas. Condenadas foram elas logo de início e condenadas voltaram a ser quando, por deliberação de uma Câmara, foram os respectivos projectos expostos no tapume de umas obras no Toural.

Exteriormente, o edificio não ficaria mau. Interiormente, é aquilo que se observa, e quanto à situação, foi o pior que se podia ter escolhido. Agora, depois do feliz restauro dos Paços Ducaes, só por uma nefasta teimosia poderiam prosseguir as obras em hora tão má iniciadas.

A Câmara assim o compreende e sente, aguardando que o Ministro das Obras Públicas apresente, definitivamente, o plano de urbanização do prolongamento da rua de Santo António a fim de tratar da construção de um edificio para a conveniente instalação das Repartições Municipais, aproveitando-se, é claro, (diz o Relatório), o material do que estava em construção.

Achamos bem que se procure aproveitar esse material, tanto mais que estão já gastas umas centenas de contos que se não podem perder. E' evidente, porém, que a planta terá de sofrer uma necessária remodelação, no todo ou em parte, e é preciso assegurar a comparticipação do Estado para essa obra tão importante.

E o local? Quanto a mim está naturalmente indicado: — ao cimo da rua, com frente para esta e traseiras para a rua do Capitão Guimarães. No alargamento projectado da rua de Santo António já se deve ter esta obra em conta. Terá de se expropriar um bom bocado da Quinta e algumas casas da rua do Dr. Meira e do bairro, mas bem o merece a importância da obra e o remate admirável que se consegue a esse prolongamento da rua que tem sido objecto de tantos estudos do Homem de acção inteligente, que é o Senhor Ministro das Obras Públicas.

Acertadíssima será essa medida governamental, certo como é não poder continuar sem uma solução con-

14 VERSOS

(A CLARISSE CAPUCHO)

Sinto voejar o meu pensamento,
Atravessar a imensa vastidão,
Passar ainda além do firmamento,
Um sonho... um vôo... enfim, uma ilusão!

Meu pensamento alado, no momento,
Não vôa só. Também o coração
Unindo-se-lhe, forte e com alento,
Levanta o vôo e, unidos, lá se vão...

Vão para onde? — Junto duma flor
Que, só em si, contém mais grato odor
Que milhões de açucenas num jardim.

Essa flor, que eu adoro em sua altiva
Beleza, estimo-a — porque me captiva,
Sou dela — porque a lembro vez's sem fim.

Pôrto — Janeiro de 1941.

FERREIRA TÔRRES.

O problema da Assistência

A instituição que se torna indispensável à subsistência e ao desenvolvimento das pessoas é, sem dúvida, a Instituição familiar. É, pois, a Família a célula social irreduzível, núcleo originário da freguesia, do município e, portanto, da nação; ela é, por natureza, o primeiro dos elementos orgânicos do Estado Constitucional. Assim a definiu o sr. Presidente do Conselho e a ela também se refere a Constituição no seu artigo 12.º, que diz o seguinte: «O Estado assegura a constituição da Família, como fonte de conservação e desenvolvimento da raça, como base primária da educação, da disciplina e harmonia social e como fundamento da ordem politica e administrativa pela sua agregação e representação na freguesia e no município». Verifica-se, pois, que a Família representa uma força indestrutível da unidade e da continuidade e que sem ela impossível seria conceber-se a ideia da Nação. E é assim que se compreende como elemento de primeira grandeza a Instituição familiar, digna de todo o amparo, de todo o carinho, de toda a protecção.

Nesta conformidade, é da Família que depende uma nação vigorosa e forte, motivo por que a Obra da Assistência tem de alargar de cada vez mais os seus horizontes, de modo a dar-se pleno cumprimento ao pensamento da própria Alma nacional, que não admite a opulência como afronta da miséria! Pondo de parte intencionados egoísmos ou impossíveis aspirações, não se justifica uma desproporção social caracterizada pelos dois extremos, num dos quais se encontra o máximo, enquanto no outro permanece o mínimo. Evidentemente que o problema não pode ser solucionado pela inversão dessas posições nem pela igualdade de situações. A solução tem de ser, de facto, aquela que o Estado lhe pretende e deve dar, isto é, a de alargar, tanto quanto possível, a Obra de Assistência em todo o país com o fim de ir resolvendo tão importante problema de carácter essencialmente humano e nacional. Felizmente, o Estado está integrado nessa compreensão e a confirmá-lo está aquilo que ainda há dias se passou na reunião dos srs. Governadores Civis, sob a presidência de sua ex.ª o Senhor Ministro do Interior, e aos quais este illustre membro do Governo e o Senhor Sub-Secretário de Estado da Assistência falaram largamente das directrizes a seguir para a solução do problema da Assistência em todo o Continente. Procurar-se-á, segundo aquilo que eu depreendi das afirmações feitas nesse sentido, estudar o problema no seu conjunto ou em todos os seus aspectos e exigir o concurso de toda a nação para esse efeito. Os Organismos Administrativos, incluindo as juntas de freguesia — delas falarei em próxima oportunidade — devem, por sua vez, fazer tudo aquilo que estiver dentro das suas atribuições, previstas no novo Código Administrativo.

Acertadíssima será essa medida governamental, certo como é não poder continuar sem uma solução con-

digna tão extraordinário problema referente à vida do nosso semelhante. A miséria tem de acabar, mas ela só acabará com a interferência enérgica e persistente do Estado, tomando as providências exigidas pela gravidade do assunto, que não é de molde a tolear mais demoras na sua solução.

O nosso grau de civilização já não admite semelhante estado de cousas e isso basta para justificar tudo quanto se faça em prol de uma Obra de Assistência cujos efeitos se tornem conhecidos e sentidos de um a outro extremo do Continente português. Estará, por isso, em caminho de entrar na desejada era de prosperidade a Assistência em Portugal e, se assim for, operar-se-á na sociedade uma transformação perante a qual se reintegrará a Família na sua verdadeira missão social e, além disso, dar-se-á um passo decisivo para a integral reconstrução portuguesa.

Zé da Aldeia.

Um Livro

Não quero demorar, por muitas razões, a devida notícia ao novo livro do sr. dr. Alfredo Pimenta. Evidentemente que não vou entrar na discussão desencadeada à volta de uma obra de história, tanto mais que ela se confina a duas pessoas que por todos os motivos dispensam outros pareceres — a duas pessoas que têm grandes lugares na minha amizade e na minha admiração. O meu intento limita-se, por isso, a agradecer a gentileza da oferta do exemplar que me foi enviado e a sublinhar, como é de justiça, a inexcusable probidade científica e histórica que presidiu à elaboração de «Para a História das relações entre Portugal e a Alemanha — (1834-1914)».

Ainda há dias disse, não com propósitos de lisonja, mas por amor da verdade, que devemos ao eminente escritor o inestimável serviço de expurgar a História de Portugal de muitos erros e de inúmeras deformações que a diminuíam e vivavam apoucar o esforço e a obra dos nossos Reis e da Monarquia. O livro que agora aparece constitui outro serviço que o tempo e o juízo imparcial se encarregarão de enaltecer e valorizar. Repito: não quero de forma alguma tomar nestas colunas o partido deste ou daquele. Mas não quero deixar de confessar a minha simpatia e a minha admiração pelo notável escripto usado pelo sr. dr. Alfredo Pimenta na obra citada — escripto que, afinal, é peculiar à sua operosidade literária. Isto mesmo reconhece o sr. Conselheiro Fernando de Sousa que, numa carreira jornalística longa e cheia de abrolos, nunca se diminuiu com indignidades e nunca se confundiu com os polemistas de cordel.

O livro de Alfredo Pimenta não é favorável à Inglaterra? É favorável à Alemanha? Não é favorável à França, todas mais ou menos conluídas para, em dados momentos, se apoderarem do que não lhes pertencia e era exclusivamente nosso, português? Nada temos com isso. Os documentos é que falam, não o historiador, que se limitou, como ele mesmo o salienta, a juntar e a hierarquizar as peças do processo. Portanto, se alguém sai fe-

Portugal

e os objectivos dos Aliados

Sob a epigrafe acima, o «Times» de 28 de Janeiro escreve no teor seguinte:

Foi posta a circular, por agentes interessados, uma insinuação mentirosa que provocou certa inquietação entre aquele povo amigo. Essa insinuação pretendia fazer acreditar que a política seguida pela Grã-Bretanha, a qual é confessadamente baseada no compromisso de derrubar as ditaduras agressivas na Alemanha e na Itália, também teria a aspiração de promover a subversão do Governo autoritário sob o qual o Império Português tem gozado muitos anos de progresso pacífico. Aqueles que, impensadamente, e sem autoridade oficial, expõem os nossos objectivos de guerra deram apoio bastante a tal sugestão para que ela se afigure como perigosa.

Não há, porém, fundamento algum na política seguida pelo Governo Britânico e pelo Parlamento, como há pouco o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Anthony Eden, tornou suficientemente claro na sua resposta à pergunta que lhe foi feita, na Câmara, sobre este assunto. Não pode restar dúvida nenhuma de que os nossos amigos portugueses já devem ter feito a reflexão de que, se nós alimentássemos quaisquer desígnios sinistros contra a forma do Governo que eles entendem que corresponde às suas necessidades, não seria fácil gozarmos de uma aliança cordial com os Gregos e com os Turcos, países ambos que vivem governados por sistemas mais proximamente afins do de Portugal do que do nosso.

Ao contrário de Portugal, as ditaduras alemã e italiana, associaram-se com o fim de impôr a forma alemã de governo sobre países que a não desejam. Contra isto combatemos implacavelmente. Como nos tempos de Pitt «estamos em guerra com opiniões armadas». Além disso, nós aprendemos pela experiência e pela leitura das páginas explícitas do livro «Mein Kampf» que esta revindicação de impôr o Credo nazi a outros países é inerente à sua própria doutrina. Por consequência nós combatemos, não meramente com o intuito de pôr restrições à agressão mas também com o de destruir a ditadura que não pode cessar de ser agressiva.

Não existe qualquer analogia entre o sistema de Hitler e o Governo autoritário de Portugal. Não é meramente uma questão de contraste entre, de um lado, a orientação esclarecida dada por Salazar aos seus compatriotas, ao longo de caminhos para eles assinalados pela sua antiga e honrosa cultura, — e do outro lado, supressão brutal da vida espiritual do homem pelo paganismo revolucionário.

O que nos interessa como país estrangeiro, e velho amigo, é o facto de Portugal conduzir de maneira consistente as suas relações externas, com respeito escrupuloso pelo Direito Internacional que outros fizeram em pedaços e o facto de, sob o Governo de Salazar, nunca ter tentado interferir nos negócios internos dos outros países, nem causar a mais pequena ansiedade a aqueles que defendem a paz do mundo.

SEMENTES

de todas as variedades, para qualquer quantidade.

Peça ao importador.

Apartado 99 LISBOA.

Austing

VENDE-SE um Austing em bom estado, tipo luxo, modelo 1935, 7 cavalos.

Nesta Redacção se informa.

rido, a culpa não é de Alfredo Pimenta — é dos documentos autênticos que formam o processo, (relatórios), notas diplomáticas, livros brancos, etc.), ou, talvez com mais exactidão, dos actos praticados.

Sim. Dos actos praticados. Porque a verdade é esta: Alfredo Pimenta não os inventou: relatou-os; não os interpretou — iluminou-os. Não querem agora que se recordem? Não querem assumir a responsabilidade dos actos praticados? A História é que não pode nem deve desconhecer. Sob pena, exactamente, de ser tudo menos História.

Ora o livro do meu querido Amigo não é nem pretende ser outra coisa. Se alguma deficiência lhe pode ser apontada, parece-me que é a de se esconder tanto, de recorrer tão a meadas às citações e aos textos. Como tantos fazem, aliás com absoluta honestidade, Alfredo Pimenta poderia ditar as conclusões das suas investigações. Mas não faz isso. E só de longe a longe rubrica uma ou outra fantasia dos amantes de folhetins.

Recomendo o livro, pois, a todos que desejam conhecer a verdade de um dos passos da nossa existência secular. E louvo o seu A, pela obra valiosa que nos ofereceu e pela notável probidade científica que usou e bem se explica no momento melindroso que atravessamos.

Manuel Araújo.

Críticas Pequenas

Quando no recente *Noticias* nosso a sempre formosa secção *Farpas* juntava o subtítulo *Como vamos dizendo...*, aqui ao lado, nesta misera secretária, saltaram de contentes dous *linguados*, recebidos dous dias antes, em que o formidável Publicista da Cabreira me trasladava do realismo castelhano de há mais de três séculos um trecho de Fr. Luis de Leon, o famoso Lente salmantino que, ao fim de uns cinco anos de prisão, retomara a sua cátedra fazendo a sua apresentação com o seu valentíssimo e sereníssimo *Como decíamos ayer*, registado no Larousse, em rigorosa versão literal, no dizer *Comme nous disions hier* e entre nós muitas vèzes repetido com a forma do referido subtítulo, *Como vamos dizendo...*

O egrégio Tradutor lembra que Luis de Leon foi «lírico de primeiras águas e prosador atilado.» E «da sua tersíssima prosa» recorta «umas linhas sobre as modas do seu tempo, que, pelo visto e dito, já eram... bonitas como as de hoje.»

O recorte de largas trinta linhas é expressivo e belamente observado. Mas... nada há novo debaixo do Sol.

Todos sabemos que a Moda foi sempre o Flagelo do Mundo e a grande Imperatriz da Mulher.

O que o célebre Lente dos tempos áureos de Salamanca adorna com o seu estilo vivo e realista e animado não é novo, nem surpreendente, para quem tenha olhos de ver e ouvidos para ouvir.

Aos caprichos da Moda quem resiste?

Mas o arguto Frei Luis salienta, sobretudo e acentuadamente, a fúria da variedade que obrigava a gastos e gastos, sem limite.

Como é triste a cegueira de tal Moda!

Ainda Fevereiro está no seu começo e já o *Occidente* aparece nas vitrinas tentadoras com o volume respectivo.

O Estado Novo garante pujante vida à bem apresentada Revista.

Há ali variegada leitura para todos os paladares.

São belamente feitos os seis sonetos deste número e nem a inspiração budista nos afugenta.

As três páginas de *Uma visita a Henri Bergson* demonstram a funda curiosidade filológica de Delfim Santos, o nosso Leitor de Português em Berlim.

A. L. de Carvalho ofereceu-nos treze suculentas páginas sobre *A Procissão de «Corpus Christi» em Guimarães*.

O nosso incansável Rebuscador folheou mil códices e não se esqueceu de Bluteau para cerzir os seus largos apontamentos sobre as danças, folias, touradas, o demo, de passados anos.

O seu documentário é de facto bem cheio de interesse e o arranjo de tanta investigação honra as suas incessantes fadigas e coroa o seu porfiado labor.

Há muitos modos para honrar o berço!

AINDA O ANIVERSÁRIO DO «NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS»

Entre outros colegas que se referiram ao nosso jornal, a propósito da passagem do seu 9.º aniversário, cumpre-nos agradecer as amáveis referências feitas, ultimamente, por mais os seguintes:

«Diário do Minho», de Braga; «O Castanhense», de Castanheira de Pera e «Comércio da Póvoa de Varzim».

A falta de espaço não nos permite continuar a publicação dessas notícias, do que pedimos desculpa a quem nos manifestamos o nosso reconhecimento pela amabilidade das suas palavras de louvor.

Crónica Tripeira

«PORTUGAL MAIOR»

Antigamente o nosso país, esta nesga de sol entre dois azuis — o do céu e o do mar — como diz Antero de Figueiredo, teve mulheres que se notabilizaram e alçapremaram aos cocurutos da glória, ora no campo bélico, ora no campo literário, ora no campo religioso. Umas foram heroínas cujos nomes os mestres da escola nos esculpiram nas memórias frescas de crianças, outras foram letradas que cursaram universidades e as outras foram santas a quem as nossas mães nos ensinaram a erguer as mãos e a rezar, baixinho, nas horas do abandono e de salento.

Depois, houve um longo período em que a mulher se conservou na sua torre de silêncio, talvez despeitada por esta desagradável frase dum derrotista: — «A mulher por mais inteligente que seja nunca chega a atingir a inteligência dum homem». Mas, hoje, felizmente, despertou do seu sono, reagiu de novo contra a letargia e espreguiça-se, numa atitude de elegância, por vários géneros literários.

Contudo, por temperamento, por sentimentalidade, por delicadeza de coração ou pelo sexto sentido que os romancistas teimam em atribuir àquela que deve a sua existência à costela do homem, julgo que é na poesia que a mulher pode subir mais alto. De facto, não me consta que a mulher se tenha dedicado a compêndios de filosofia, a tratados de química ou a ciências particularmente intelectivas. Mas a poesia é um voo da Alma, uma vibração de sentimento e, por isso, deve adaptar-se mais ao seu espírito impressionável e buliçoso.

Um exemplo? — *Florabela Espanca*. Antero de Quental escreveu sublimes sonetos, mas profundos, filosóficos *Bocage* versejou belos sonetos mas o amor muitas vezes é ironizado. *Florabela Espanca*, sim! *Escreve com o sentimento dum coração que é uma labareda de amor*.

Outro exemplo? — *Vitória Régia*. Nos seus livros vibra a harpa do coração, sensível e terna, melodiosa e ardente, cantante e compungida.

Publicou, há ainda pouco tempo, um livro — *Portugal-Maior*. É um hino à Pátria, em estes de fervor e admiração. É uma corrente de ouro, temperado nos altos-fornos da sua inspiração fecunda e juvenil por tudo o que é grandioso e belo.

Portugal-Maior é dedicado ao sr. Presidente do Conselho e contém retratos de D. Afonso I, D. João IV e Salazar. Todo escrito em sonetos, prende-se com as comemorações centenárias que Portugal festejou no ano transacto. Não são, porém, sonetos banais, dum assunto já muito conhecido! Ali aprecia-se o timbre do estilo de *Vitória Régia*, o cristal da sua inspiração. A autora eleva-nos, nas asas do seu arrebatamento, até às regiões do belo, do magnânimo e do heróico. E de lá auscultamos o seu espírito feminino, gentil e bondoso, que rasga véus, aponta símbolos, tece diademas, ao fogo dum patriotismo sadio e nobilitante.

Vitória Régia escreveu com alma o seu livro e, com alma, precisa êle de ser lido para se compreender bem na sua essência e finalidade.

Vitória Régia, além do sentimento patriótico, fulcro do livro «Portugal-Maior», tocou também no assunto religioso. E fê-lo tão bem, quer sobre a estrutura do verso, quer sobre a essência do assunto, que nos sentimos mistificados pela sua mística, abrasados pelo seu

O berço da marinha britânica

Foi no reinato ano de 501 que duas pequenas galés, subindo o braço do mar que se chama Spithead, detiveram-se numa enseada em que os navegantes fundaram uma pequena colónia dando-lhe o nome do seu comandante Portes. *Portes Mutha* é hoje Portsmouth.

Muito antes destes marinheiros, já os romanos tinham navegado por aqueles mares, estabelecendo-se em Porches, onde edificaram uma fortaleza que ainda hoje se pode admirar. Sabemos da História que no ano 286 um marinheiro chamado Caransins, vindo da região que hoje é a Bélgica, deu batalha aos romanos nas águas de Spithead.

A Grã-Bretanha deve ao rei Alfredo o seu formidável poderio naval. Foi este monarca que, em 875, criou uma importante esquadra que vinte anos mais tarde havia de ganhar a sua primeira batalha, derrotando os dinamarqueses em Spithead. Esta esquadra viria a tornar-se cada vez mais poderosa até ao ponto de dominar todas as rotas marítimas. Portsmouth passou a ser o ancoradouro, a base, dessa esquadra.

A Casa Real Britânica tem uma especial predilecção por essa cidade, que foi o berço da marinha de guerra. Era lá que os reis e os príncipes embarcavam para as suas visitas aos vizinhos do lado de cá da Mancha; era dali que partiam as expedições guerreiras. Por isso Portsmouth é também conhecida pelo nome de Porto do Rei.

Em 1194 partiu de lá uma verdadeira grande esquadra de cem navios, levando a expedição, sob o comando de Ricardo Coração de Leão, a guerrear os infiéis em terras da Palestina. Desde então as armas da cidade — uma estrela dominando um crescente — atestam as vitórias que êsses Cruzados obtiveram.

Em 1212 começou-se a escavar a primeira doca, que funcionava só com a maré e ocupava o local onde hoje está instalada a doca de artilharia.

Dada a sua grande importância, Portsmouth passou a ser alvo dos ataques dos inimigos da Inglaterra. No período de 120 anos foi o seu porto cinco vezes saqueado e incendiado. Só em 1445 começou a reinar a paz, depois de a princesa Margarida de Anjou ter ali desembarcado para o seu casamento com Henrique VI.

Durante o reinado da rainha Isabel, Portsmouth foi fortificada, ampliado o seu porto e também a sua marinha, cuja tonelagem foi em aumento incessante até formar aquela esquadra que, comandada por Nelson, ditou em Trafalgar a quem pertenceria o domínio dos mares até os nossos dias.

Passaram-se séculos, a marinha britânica espalhou-se por todos os recantos mais longínquos dos oceanos, mas Portsmouth é ainda hoje o lar dessa marinha e o *Victory*, navio de Nelson, agora guardado nos estaleiros reais, ostenta com orgulho a insígnia de comandante chefe da mais poderosa Marinha de Guerra do Mundo.

V. Luso.

À VENDA:

Uma quinta no lugar do Ribeiro do Pinto, da freguesia de Polvoreira; Várias propriedades na freguesia de Infias e

Um prédio urbano, situado na Praça da República da vila de Vizela.

Para informações: Casa dos Linhos de Teixeira de Abreu & C.ª — Guimarães.

amor e quentes pelo seu culto. Por tudo isto, *Vitória Régia* escreveu um bom e precioso livro.

Ferreira Tôrres.

DESPORTO

O Vitória e o Sporting Club de Fafe empataram por 1-1

No domingo passado, debaixo de continuo e pesado aguaceiro, que encharcou todo o rectângulo, jogaram os grupos de honra do Vitória e do Sporting Club de Fafe.

O estado do terreno prejudicou imenso a partida e obrigou os jogadores ao dispêndio de grande soma de energia para poderem, mal, controlar o esférico.

A chuva só permitiu que assistissem ao encontro os mais ferrenhos, motivo por que pequeno foi o número de pessoas que guarnecera o campo.

Contra a expectativa geral e também contra a corrente do jogo, o Sporting C. de Fafe conseguiu um empate, proeza para êle muito honrosa, visto ser obtido no campo do adversário. E' certo, muito certo, que o Campeão do Minho, mesmo sem o concurso de Laureta, posto à margem por deliberação directiva que reputamos inoportuna, embora de certo modo merecida, e com Zeferino bastante contundido, podia ter ganho a partida por considerável margem de pontos, pois fêz jogo para tal. Mas os seus homens, engalinados, não conseguiram acertar o chute, e assim foi que cinco vezes o esférico bateu nas traves confiadas à guarda de Nenê e só uma vez Oliveira o fêz anichar nas malhas, aos 25 minutos do primeiro tempo.

Na segunda metade do desafio os fafenses, mais apertados no seu terreno, obtiveram o ponto que lhes deu o empate, numa jogada em que os defesas do Vitória não se isentaram de culpa. A sua morosidade no despacho da bola foi que deu o ponto aos visitantes.

Os últimos minutos do jogo foram notáveis pela vontade revelada pelos donos do terreno para conseguirem o bem merecido triunfo. Numa autêntica ofensiva, em que, à excepção de Ricoca, colaborou toda a equipe, foram os visitantes empurrados para as suas extremas linhas, defendendo-se com enorme dificuldade. Mas... estava escrito: o jogo teria de terminar com um quesilento empate para o Vitória.

José Maria foi, no Vitória, o elemento de maior destaque. Jogou bem e, esforçadíssimo, acorreu a todos os sectores da equipe que careceram de auxílio. Seguiram-no o médio-esquerdo Dias, que de jogo para jogo melhora a olhos vistos, Oliveira e Alexandre, embora este último por vezes errasse ao teimar conduzir sozinho a bola. Bravo, Ricoca, Zeferino, João e Lino cumpriram razoavelmente.

Onde a equipe teve um verdadeiro *furo* foi na asa direita, constituída por Castelo e Vitorino. Não nos causou estranheza e até já esperávamos a má exibição do substituto de Laureta, Vitorino, pois sabiamos-lo ainda convalescente de uma grave contusão sofrida e além disso alinharia fora do seu habitual lugar na equipe. Mas Castelo, com franqueza, deixou-nos muito desagradável impressão. E lá vai: a continuar assim, não o julgamos capaz de ocupar lugar no grupo de honra. Fomos dos que pensamos, na ocasião em que êle entrou para a equipe, que a continuação do contacto com esta o levaria a bem desempenhar o lugar. Mas enganamo-nos, porque êle é hoje precisamente aquilo que era então: receoso, nada enérgico e não sabe chutar às redes. A qualidade que êle possui de entregar bem o esférico não chega. Algo mais é preciso num jogador de classe.

No grupo visitante destaca-

ALBERGUE DE S. CRISPIM

No Albergue de S. Crispim, onde, actualmente, estão a viver 11 mulherzinhas, adoeceu, há dias, uma dessas infelizes e êsse facto deu motivo a outro facto, resultando do último a minha visita àquêl Albergue. Daquilo que vi e para o que pessoas amigas chamaram, antecipadamente, a minha atenção, direi, noutra oportunidade, qual foi a minha impressão. Para já, limito-me a pedir aos Senhores Presidente da Câmara e Delegado de Saúde que se dignem fazer uma visita ao citado Albergue e pode ser que essa visita evite os meus comentários e os de mais algumas pessoas. A Caridade, que é uma das mais belas virtudes humanas, mercee-me a maior veneração, motivo por que não quero entrar em apreciações sobre o assunto, sem a devida e aconselhada ponderação ou prudência. Também não desejo, de forma alguma, dar motivo a melindres e mediante êste conjunto de circunstâncias ser-me-ia muito agradável que os Srs. Presidente da Câmara e Delegado de Saúde atendessem o meu pedido. E seja tudo pelo amor do próximo!...

X.

ram-se: Alves, Barros e os dois defesas. A linha dianteira é a pior formação da equipe. O guarda-redes revelou pouca serenidade.

A arbitragem do sr. Amável de Carvalho, do Porto, foi correcta.

Hoje visita-nos o Foot-ball Club de Famalicão, grupo que na presente prova se encontra em posição igual à do Vitória. Por êsse facto, o encontro vai revestir-se de excepcional interesse, tudo indicando que grande afluência de público acorrerá ao Benlheval.

Pelo comunicado que a seguir se publica, vê-se que a digna Comissão Administrativa do Vitória, atendendo a uma petição que lhe fôra feita, resolveu levantar o castigo que tinha imposto ao jogador Francisco Rodrigues (Laureta).

Folgamos com essa resolução pelo benefício que ela traz ao primeiro grupo do Campeão do Minho.

J. Gualberto de Freitas.

Comunicado

A Comissão Administrativa do Vitória Sport Club, na sua reunião de 4 do corrente, resolveu, a pedido do treinador do Club e ainda de alguns sócios do mesmo, levantar o castigo aplicado ao seu jogador do team de honra, Francisco Rodrigues.

Pela Comissão Administrativa do V. S. C.

Amadeu Guimarães, 1.º Secretário

Lêde e propagal o «Noticias de Guimarães»

VENDEM-SE

Quinta em Pencêlo, com casa de senhorio, rendimento 5 carros; tem junto um bom pinheiral e uma propriedade.

Uma boa sorte de mato com pinheiros em Antedão, Prazins.

Uma morada de casas na rua de D. João I, n.º 125.

Falar na Farmácia Henrique Gomes.

(1)

Livros & Jornais

«Coisas da vida», por J. Bastos Monteiro.
J. Bastos Monteiro, inspector geral da abalizada Companhia de Seguros «Comércio e Indústria», tem dedicado ao seu mister, todo o esforço, carinho e atenções, alheio às dificuldades e contratempos que tentam enterrar tudo o que de prestimoso e grande se pretende realizar.

Hoje que tudo rola fora dos seus lugares, que possuímos médicos que seriam óptimos sapateiros e advogados que seriam preclaros lavradores, não nos custa também acreditar que há competências e valores marcados. Bastos Monteiro não está deslocado. Familiarizou-se com os seguros e tem-lhes consagrado todo o seu espírito grande e empreendedor.

Estamos de pleno acôrdo com o que diz na «carta a um colega»: — «tenha presente no seu espírito: aquê que desanima diante do primeiro NÃO, cai ao chão e não se levanta mais. Fica aí estatelado.» Já os antigos diziam: — *Audaces fortuna juvat.* A persistência, a tenacidade e até a teimosia são factores indispensáveis para todo e qualquer empreendimento.

«Coisas da vida» é mais um trabalho de dedicação pelo seguro. É um livro pequenino que se lê com agrado e que nos conta coisas interessantes.

Edição da Tipografia Modesta — Pôrto.

«O Estado Novo» — Princípios e Realizações.

É um valioso opúsculo, em que nos sentimos invadidos pela onda patriótica, ao tomar conhecimento, através de páginas altruístas, do muito que se há feito e do muito que se há de fazer, devido ao trabalho e supremacia do Sr. Dr. Oliveira Salazar, que à Nação trouxe o prestígio, o respeito e a admiração das priscas eras. O levantamento de Portugal em política, economia, progresso, ensino, melhoramentos e outros expoentes de magnificência, tudo ali se encontra exarado, embora globalmente e em resumo, trazendo-nos a consolação de vermos a nossa Pátria, alheia a conflitos, seguir pelas estradas floridas do esplendor, devido ao renome universal que desde 1928 reconquistou, ligando-a portanto, em merecimento, ao tempo das conquistas e descobertas, se bem que agora sob outro signo e outro aspecto.

Como se trata duma 2.ª edição, gostosamente salientamos o seu aparecimento e pouco mais nos cumpre dizer. Almejaríamos, no entanto, que este opúsculo de 94 páginas estivesse à disposição de todos, sem dispêndio, em qualquer quiosque ou agência de publicações, a fim de que todos pudessem conhecer a obra do Estado Novo, justificá-la, engrandecê-la e ajudá-la.

Edição do Secretariado da Propaganda Nacional — Lisboa.

«O Ressurgimento Português» — Outro opúsculo de grande valia e interesse, editado pela União Nacional de Lisboa. Mais uma vez se salienta o orgulho com que Portugal pode olhar para as outras nações do mundo e pôe, em relêvo, a pureza e dignidade dos meios que levaram a alcançar tão brilhante luzimento e tão excelso valor. A inteligência fica-nos prêsna em estatísticas e números que são a afirmação eloquente do ressurgimento de Portugal de há uns anos a esta parte.

Podê recortar-se êstes dois períodos que são altamente consoladores: «Deve sempre visar-se à obtenção do justo preço que é aquê que retribui suficientemente o esforço da orientação da empresa, o capital nela investido, a matéria prima empregada no produto e o trabalho nele empregado. Da mesma maneira se pretende o justo salário que deve ter como limite mínimo o quantitativo indispensável às necessidades vitais do trabalhador, à garantia duma vida digna e desafogada, do lar higiênico, da educação dos filhos e da segurança do futuro.»

«O Ressurgimento Português» compreende os seguintes capítulos: A Reorganização Financeira — A Reconstituição Económica — A Reforma Social — A Renovação Política.

Nesta secção só se fazem críticas às publicações de que nos sejam enviados dois exemplares.

Sempre que nos seja oferecido um só exemplar, será feita apenas a referência a acusar o recebimento.

Temos em nosso poder outras obras de que oportunamente daremos notícia.

Vida Católica

Conferências quaresmais — As conferências quaresmais, no templo da V. O. T. de S. Francisco, que têm início no dia 2 de Março próximo, foram confiadas ao Rev. Cônego In-suelas, da Sé Primaz de Braga.

Festividade — Decorreu com muito brilho a solenidade em honra da Virgem e promovida pela Congregação Mariana, erecta na Basílica de S. Pedro, e que, conforme programa que publicámos, se realizou naquele templo no passado domingo, tendo sido grande a afluência de fiéis.

Festa das Dôres — Foi convidado a pregar na solenidade das Dôres, que há-de realizar-se, com tôda a

Uma recita de Caridade em RONFE

Mais uma interessante festa foi levada a efeito, no domingo passado, no salão da Casa do Povo de Ronfe, em benefício da «Sopa dos Pobres» daquela modelar instituição, que com tanto carinho vem protegendo os pobrezinhos da populosa e progressiva freguesia.

Um numeroso grupo de senhoras e cavalheiros da vila de Fomalhão fez subir à cena a interessante revista-fantasia, em 2 actos e 23 quadros «LUA NOVA», cujo desempenho, segundo nos informa pessoa amiga, foi magistral por parte de todos os intérpretes, os quais mereceram, portanto, os fartos aplausos da numerosa e distinta assistência.

Destacaram-se, no entanto, Made-moiselle Flora Cunha e Maria Alexandrina Costa.

Os nomes dos quadros eram: «Chigadinho dilá...», «Aldeias de Portugal», «Diálogo saloio», «O que é que a Baiana tem», «Serenata», «Garoto da Rua», «Concurso Infantil», «Ténis», «Ebrío», «Valsa Rítmica», «Tiro-irri-riro», «S. João», «Camélias», «Vas-sourinha», «Touradas em Madrid», «Recitativo», «Uma viagem acidental», «Ai Jesus», «Lavadeiras de Canecas», «Zé Ninguém», «A Caminho de Guimarães», «Auto da Fundação», «Festas Centenárias».

Merecem louvores todos quantos contribuíram para o brilho daquela elegante festa e muito principalmente o realizador sr. Flávio Fohadela Moreira e as gentis senhoras D. Delmina Bezerra, D. Marília Fohadela Marques e D. Elisa Mendes da Cunha, que ensaiaram os diálogos e os côros, cuja música agradou também imenso.

Entre a numerosa e selecta assistência viam-se, além de muitas famílias de Ronfe e arredores, os nossos prezados amigos srs. Alberto Pimenta Machado e esposa, Armindo da Cunha Guimarães e esposa, João Teixeira de Aguiar, José Mendes Ribeiro, Alvaro Pinto e família, etc., desta Cidade; Dr. Alberto Cruz, filha e irmã, de Braga; Dr. José Joaquim de Oliveira e família, de Fomalhão, etc., etc.

Para o bom êxito desta festa muito contribuiu a Comissão de Senhoras, de Ronfe, que tomou a seu cargo a espinhosa missão de orientar os serviços da «Sopa dos Pobres».

Devemos destacar nesta ligeira notícia os nomes das famílias dos nossos prezados amigos, importantes industriais e incansáveis amigos dos pobres, srs. António Teixeira de Melo, Manuel Barbosa e Altino da Cunha Guimarães, assim como os dos também nossos prezados amigos srs. José de Oliveira Pinto e P.º Horácio de Araújo que, pelas suas relações e amizades, conseguiram que a Casa do Povo de Ronfe fôsse pequena para comportar tôdas as pessoas que no domingo ali foram prestar o seu concurso à magnífica obra de assistência que vem realizando.

No final do Sarau e precisamente no refectório dos pobrezinhos, tão desveladamente amparados pela magnífica instituição «Sopa dos Pobres», a Comissão de Senhoras que tem a seu cargo a espinhosa missão da orientação daquela casa, ofereceu, a tôdas as gentis senhoras e cavalheiros que tomaram parte na encantadora festa ou para o brilho da qual concorreram, por qualquer forma, um delicado chá, que decorreu no meio de muita animação. Ao mesmo, assistiram, também, o Sr. Governador Civil do Distrito, Dr. José Joaquim de Oliveira e o sr. José de Oliveira Pinto, Delegado do Governo neste concelho, e outras individualidades em destaque nesta cidade, naquela freguesia e localidades próximas.

No Sarau, tomaram parte, as seguintes senhoras e cavalheiros:

Ex.ªs Senhoras D. Maria Alexandrina Fohadela de Melo e Costa, M.ªria Flora Mesquita Mendes da Cunha, Maria Margarida dos Santos Carvalho, Marília Amélia Vieira de Castro e Costa, Maria José Fohadela de Macedo Portela, Maria Amélia de Carvalho, Adelaide Deocleciana Dias Padrao, Maria de Lourdes Gomes Fohadela, Flora Cunha, Maria José Portela, Adelaide da Mota Dias Padrao, Lucinda Cara Linda, Margarida de Carvalho, Felicidade Amélia Rodrigues Marques, Arlete Margarida Valongo Terroso, Maria Manuela Leonor dos Santos Carvalho, Margarida Quiomar de Carvalho, Zélia Maria Izabel dos Santos Carvalho, etc., etc., e os Srs.: José Teixeira de Mesquita, Abel Fohadela de Melo e Costa, Pí-nio Adónis Vieira de Castro e Costa, Adalberto Fohadela de Melo e Costa, Alvaro Manuel Ribeiro Bezerra, Domingos Mesquita Guimarães, Manuel Fohadela Carneiro de Oliveira, José F. de Melo e Costa, etc., etc. Assim como um grupo de crianças.

imponência e na forma dos anos anteriores, no dia 4 de Abril, no templo da V. O. T. de S. Francisco, o rev. dr. Clemente Pereira da Silva, do Pôrto.

Pia Associação dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus — No próximo domingo realiza-se a reunião mensal desta Pia Associação, na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, pelas 7 horas, constando de missa, comunhão, prática e Bênção do Santíssimo.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 4, Alberto Caetano de Almeida, digno Inspector da Companhia «Singer»; no dia 8, a sr.ª D. Antónia Teixeira Mendes Duarte, estimada proprietária da Pensão Império, espôsa do sr. Domingos Duarte; no dia 10, o nosso conterrâneo e ilustre Pintor e Professor sr. Abel Cardoso, Manuel Simões Sobral e José Paredes; dia 11, o ilustre Conservador do Registo Predial, sr. dr. João Aires de Azevedo, Joaquim Peizoto Guise, distinto Chefe da Banda dos B. V. de Guimarães e o sr. Augusto Pinto Lisboa, conceituado industrial no Pevidém e a menina Maria Amélia, filha do nosso estimado assinante sr. Mário Gomes Alves; dia 12, o nosso estimado conterrâneo, sr. Simão Neves, residente no Rio de Janeiro e o académico sr. Gonçalo Guise Pinheiro, filho do distinto oficial do exército sr. Tenente Mário Pinheiro e de sua esposa; dia 13, a sr.ª D. Balbina de Sá Alpoim, gentil filha do nosso estimado conterrâneo, sr. Arnaldo Alpoim da Silva Meneses, residente na cidade da Beira (Africa), o sr. João Antunes Guimarães Júnior, estimado proprietário em Briteiros e o sr. Manuel da Silva Leite, estimado comerciante em S. Torcato; dia 14, o sr. José Faria Martins; dia 15, a sr.ª D. Maria Amélia da Silva, filha do estimado industrial sr. Marinho da Silva; dia 16, a sr.ª D. Maria da Natividade Simões Meneses, distinta Professora oficial e dedicada aspôsa do nosso querido amigo sr. Mário de Sousa Meneses, o ilustre Deputado da Nação e nosso estimado conterrâneo sr. dr. João Antunes Guimarães e o distinto correspondente de «O Comércio do Pôrto», sr. Jerónimo Sampaio; dia 18, a menina Docinda Gonçalves, filha do nosso amigo sr. José Gonçalves.

A todos apresenta «Notícias de Guimarães», os seus cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. Dionísio Pinheiro, conceituado negociante local.

— Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. Francisco Gonçalves da Cunha.

Doentes

Tem experimentado sensíveis melhoras os nossos prezados amigos srs. José de Sousa Lima, Fernando e Belmiro Jordão e João Ferreira de Figueiredo. Folgamos.

— Vimos já completamente restabelecido o nosso prezado amigo sr. Manuel António de Castro.

— Entrou em franca convalescência a sr.ª D. Eulália de Melo.

— Tem passado ligeiramente doente a sr.ª D. Esmeralda Pereira de Figueiredo e Silva, esposa do nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Antero II. da Silva.

Diversas Notícias

Associação Artística Vimaranesse

Comemorando o seu 71.º aniversário está hoje em festa esta Associação de Socorros Mútuos que ultimamente tem levado a efeito interessantes festas e desenvolvido o seu plano de assistência.

Entre outros números do programa das festas comemorativas a que já nos referimos, haverá, às 11 horas, no salão nobre da sua sede, uma sessão solene em que usará da palavra o talentoso escritor vimaranense Sr. dr. Eduardo de Almeida e a qual devem assistir muitas pessoas de apresentação no nosso meio, que, para êsse fim, foram já convidadas.

Caixa Escolar da Escola J. e C. «Francisco de Holanda»

Dentro em breve, e a exemplo do ano passado, vai ser levado a efeito, no Teatro Jordão, um espectáculo cuja receita reverte a favor da Caixa Escolar da Escola Industrial e Comercial «Francisco de Holanda», desta cidade, instituição que bem merece ser ajudada por todos, pois visa a excelentes fins educativos e humanitários.

O espectáculo, promovido pela incansável Direcção da referida Caixa Escolar, é levado a efeito sob a orientação do professor sr. Sílvio Antunes de Macedo, devendo subir à cena a opereta em dois actos «Duas vezes herói» da autoria do aluno da escola, sr. José Armindo de Sousa Pinto, com música do distinto violonista sr. António Guise.

Desaparecida

Desapareceu, no sábado, 1 do corrente, de casa de seus pais, a menor de 14 anos Maria Garcia, que tem os seguintes sinais: olhos castanhos, cabelo ruivo e vestia vestido claro com uma emenda no peito, calçava socos e usava um chaile azul claro. Pedê-se, a quem souber do seu paradeiro, o favor de o comunicar a Amélia da Silva, Rua Egas Moniz — Guimarães.

HOJE, ÀS 15 E ÀS 21 HORAS

DEANNA BURBIN,
a encantadora garota na sua melhor criação:

O primeiro amor de Gata Borracheira
uma comédia enternecedora com adoráveis canções.

TERÇA-FEIRA, 11

A opereta popular

O Miúdo do Terço
que com grande sucesso se exhibiu em Lisboa e Pôrto.

ANÚNCIO

Associação Artística Vimaranesse

Aluga-se a parte do prédio que estava arrendado aos antigos proprietários do Teatro Gil Vicente, assim como se vendem as cadeiras que faziam parte da plateia. (22)

O Presidente da Direcção,
(a) José da Costa Pacheco.

Romarias

Conforme já noticiamos, realiza-se hoje, na freguesia de S. Jorge de Selho (Pevidém), a tradicional Romaria de S. Bráz que, se o tempo permitir, deve ser muito concorrida, demais que é abrilhantada por duas reputadas bandas de música: Bombeiros Voluntários de Guimarães e Pevidém.

— No passado domingo realizou-se em S. Miguel de Creixomil a Romaria da Senhora da Luz, que foi muito prejudicada pelo mau tempo, motivo por que foi reduzida a concorrência de pessoas ao pitoresco local.

Taxa Militar

O pagamento voluntário da Taxa Militar faz-se até ao dia 28 do corrente na Repartição Policial da Câmara.

Calendário

Da importante casa Carlos Dunkel, do Pôrto, e por intermédio dos seus agentes em Guimarães, os srs. Pimenta Machado & C.ª, L.ª, recebemos um vistoso calendário para o ano corrente, o que agradecemos.

Tribunal Judicial

Em processo de querela e em Tribunal Colectivo, respondeu o sapaiteiro Manuel Lopes o «Tomaz», solteiro, da Rua Elias Garcia, acusado do crime de homicídio frustrado na pessoa de Tadeu Ribeiro, operário, também desta cidade. Foi condenado em 8 meses de prisão correccional, 1.000.000 de imposto de justiça e acréscimos legais e 500.000 de indemnização ao queixoso. Foi defensor o sr. dr. José Pinto Rodrigues.

Pelos Matadouros

Nos Matadouros Municipais houve, no mês findo, o seguinte movimento:

Guimarães — 62 bois, 153 vitelas, 84 suínos e 280 caprinos.
Vizela — 20 bois, 36 vitelas, 23 suínos e 90 caprinos.
Taipas — 9 bois, 8 vitelas, 33 suínos e 37 caprinos.
Fora dos Matadouros, 81 suínos.

Sociedade Protectora dos Animais

Sob a presidência do seu Presidente, sr. Mário de Sousa Meneses, realizou-se no dia 19 de Janeiro p. p. a Assembleia Geral da Sociedade Protectora dos Animais, que elegeu os novos Corpos Gerentes para o ano corrente:

Assembleia Geral — Presidente, Mário de Sousa Meneses; 1.º Secretário, José de Sousa Roriz; idem, 2.º, Aprígio Neves de Castro.

Direcção — Presidente, José Alves Machado; Secretário, Manuel Monteiro; Tesoureiro, José Pereira Gonçalves; Vogais: Francisco Marinho e Albarto Joaquim Ferreira.

Substitutos — Presidente, António Alves Ferreira; Secretário, João Xavier de Carvalho; Tesoureiro, António Fernandes; Vogais: Domingos Duarte Dantas e Manuel Alves Machado.

Comissão Auxiliar — Belmiro dos Santos Martins, José Machado e António Dias.

A mesma Assembleia, resolveu, por proposta do seu Presidente, exarar na acta um voto de reconhecimento à Imprensa, designadamente aquela que mais tem pugnado pela prosperidade desta Colectividade e, portanto, a que mais se tem interes-

João Rodrigues Martins da Costa (Aldão).

Nas homenagens fúnebres vieram tomar parte muitas pessoas da Foz do Douro, Pôrto, Braga e outras localidades.

José Lopes de Almeida Guimarães

No Luso, onde há bastantes anos residia, finou-se, há dias, o nosso estimado conterrâneo e amigo, Sr. José Lopes de Almeida Guimarães, que sempre e através de tudo se revelou um devotado filho de Guimarães.

Vivendo afastado da sua Terra, seguia com verdadeiro interesse os progressos, e era para êle motivo de satisfação o saber que qualquer melhoramento estava em projecto ou era levado a efeito.

Durante o ano e principalmente nos meses de verão, quando lhe constava que qualquer grupo de pessoas de Guimarães passavam no Luso, o saudoso sr. José Lopes Guimarães, também conhecido por «Guimarães Patriota», por se ter tornado conhecido a sua dedicação à sua terra natal, procurava aproximar-se dos seus conterrâneos e passar com êles algumas horas de alegre convívio.

De génio folgazão, sempre bem disposto e franco, procurou sempre dispensar aos vimaranenses as suas cativantes gentilezas.

O sr. Lopes Guimarães, que contava 60 anos de idade, era casado com a sr.ª D. Maria de Belém Guimarães e pai da sr.ª D. Aurora Guimarães Froncho de Melo, casada com o sr. dr. José Froncho de Melo, médico dos serviços de emigração.

Que descanse em paz a alma do nosso saído amigo, à família de quem endereçamos os nossos cumprimentos de pesar.

D. Antónia Josefina Leão da Cruz Barbosa

Em quarto particular da V. O. T. de S. Domingos, finou-se, com 62 anos, a pensionista Sr.ª D. Antónia Josefina Leão da Cruz Barbosa, filha do saudoso vimaranense sr. Manuel Joaquim Afonso Barbosa. A extinta era aparentada com diversas famílias vimaranenses.

O funeral realizou-se ontem, ás 10 horas, na capela daquela V. O. T. e teve a assistência de diversas pessoas.

Contando 75 anos, finou-se, na sua casa, ao Largo do Trovador, a sr.ª D. Avelina de Jesus, mãe do sr. José da Silva, 2.º sargento músico reformado.

O seu funeral realizou-se para o Cemitério Municipal.

Sufragando

Na capela de Santa Luzia celebrou-se, hoje, a missa do 7.º dia por alma do sr. dr. Luiz Ribeiro Martins da Costa (Aldão).

Aniversário fúnebre

Comemorando o primeiro aniversário do falecimento da sr.ª D. Laura Duarte Guimarães Xavier, esposa do estimado comerciante sr. António da Silva Xavier, celebraram-se, na igreja paroquial de S. Sebastião (Dominicas), sufrágios por sua alma.

De luto

Pelo falecimento de seu pai, occorrido há dias na freguesia de Santa Eulália de Fermentões, dêste concelho, encontra-se de luto o nosso prezado conterrâneo e amigo, sr. Padre António Pereira, digno pároco de Santa Eulália (Elvas), a quem apresentamos as nossas condolências.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Dr. Luís Ribeiro Martins da Costa (Aldão)

A [morte do Sr. dr. Luís Ribeiro Martins da Costa (Aldão) causou, como dissemos no nosso número passado, muita consternação, pois o saudoso morto era geralmente estimado no nosso meio. Por êsse motivo, ao Palacete da rua de Francisco Agra, afilaram, durante os dias de sábado e domingo últimos, inúmeras pessoas de tôdas as camadas sociais a apresentar cumprimentos de condolências, inscrevendo se nas listas e deixando cartões de pesames, tendo a família recebido também muitos telegramas de diversos pontos do país.

No domingo, às 11 horas, após a encomendação feita pelo pároco de S. Paio, rev. Luís Gonzaga da Fonseca, a urna que encerrava os restos mortais do pranteado vimaranense, foi retirada, por seus filhos e sobrinhos, da câmara ardente e conduzida para um auto funerário que a conduziu ao Cemitério Municipal.

No préstito tomaram parte mais de 30 automóveis, conduzindo pessoas de família e outras das suas relações, entre as quais se viam algumas senhoras, médicos, advogados, oficiais do exército, capitalistas, proprietários, industriais, comerciantes, etc., assim como os srs. Presidente da Câmara, Provedores da Irmandade dos Santos Passos e da Misericórdia, Presidente do Sindicato Agrícola e outras pessoas que representavam diversos organismos vimaranenses.

Na capela do Cemitério de Atouguia, onde o cadáver era aguardado por numerosas pessoas, instituições benéficas, etc., o rev. Gaspar Nunes celebrou a missa do corpo presente, após o que foi rezado o resposão de sepultura. Em seguida o cadáver foi inumado em jazigo de família.

Fechou o caixão o sobrinho do extinto e nosso prezado amigo sr.

Câmara Municipal

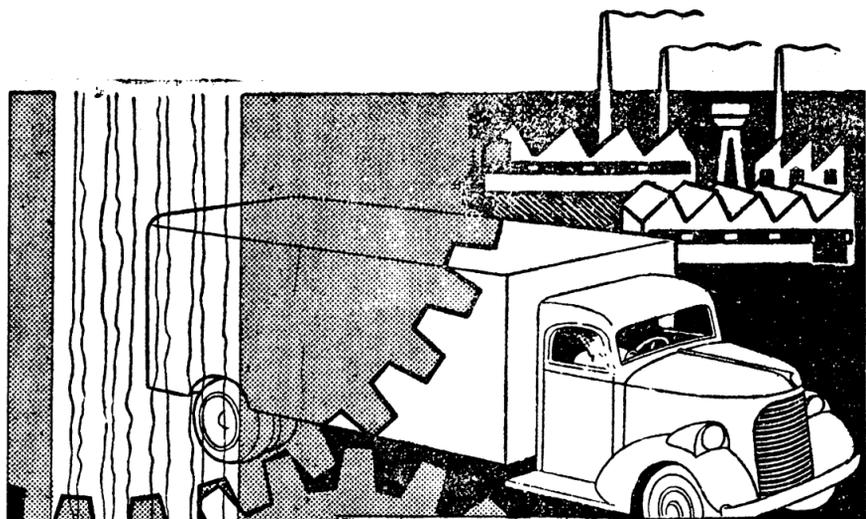
Sessão do dia 5.

Em sua sessão de 5 a Câmara Municipal deliberou:

Manifestar ao «Diário de Notícias», de Lisboa, o seu entusiástico aplauso a sua generosa iniciativa a favor das crianças vítimas da guerra; mandar que pela repartição de engenharia se proceda à reparação da capela do Cemitério Municipal, até à quantia de 2.000.000; autorizar o pagamento de 500.000 ao sr. Chefe da Secretaria, para constituir um fundo destinado a acorrer às pequenas despesas imprevistas, de expediente de secretaria; conceder o subsídio mensal de 30.000 a Ludovina Rodrigues, viúva, doméstica, do lugar do Talho, da freguesia de S. João de Ponte, para o qual pelo inemor desamparado, Manuel da Costa, em virtude da sua extrema pobreza; adquirir 50 carteiras e 2 estantes para as aulas do ensino primário oficial.

A Câmara, numa das últimas sessões, tomou conhecimento de um ofício do Presidente da Direcção do Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis, de Lisboa, pedindo-lhe seja comunicado o parecer da Câmara acerca da conveniência da carreira-automóvel de passageiros: — Guimarães — Guimarães (circunvalação) passando por Brito, Joane, Cruz de Pêlo, Avidos, Landim, Carreira, Riba d'Ave, Pevidém e Creixomil, cuja concessão foi pedida pelo sr. João Ferreira das Neves, residente em Guimarães, substituindo esta carreira a que o requerente explora entre Guimarães e Pevidém.

A Câmara concorda com a concessão, visto a mesma interessar ao concelho.



**LUBRIFIQUE
AS SUAS MÁQUINAS
com óleo "SACOR,"
DA
REFINARIA NACIONAL
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO
CIDLA**

LISBOA - Rua do Alecrim, 73
PORTO - Rua Fernandes Tomaz, 704
COIMBRA - Rua da Sofia, 96-1.º
AGENTES EM TODO O PAIZ.

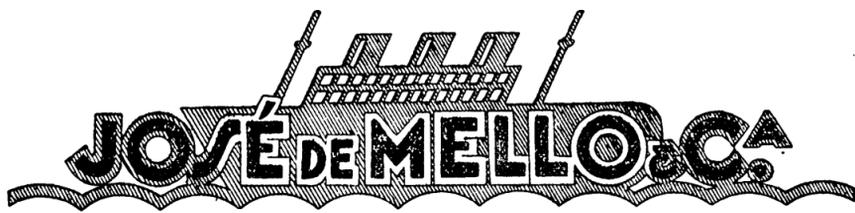
AGENTE-GERAL NO CONCELHO:

J. MENDES RIBEIRO J. OR

RUA PAIO GALVÃO (STANDS 12 e 13)

TELEFONE 81

GUIMARÃIS



**DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO,
IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM**

**RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67
PORTO**

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONES { Escritório, 73
e Estado, 57

Agentes de Navegação, de Trânsito, de Fabricantes
e Negociantes estrangeiros e nacionais

Do Concelho

Vizela, 6.

Parece que o tempo vai melhorar, para sol, e o dia de ontem já esteve bom, mas o frio — esse continua, e as camadas de geada também!

Seguiu para Coruche com sua esposa, sr.ª D. Maria Elisabet Sequeira Cunha, o sr. Jorge Cunha, recém-casados. E' ali que fixaram residência.

No domingo passado realizou-se, na igreja de S. Miguel, a festividade em honra de Nossa Senhora da Luz.

Está prestando serviço na estação da Senhora da Hora, o bom amigo sr. António Monteiro, digno factor de 1.ª classe dos Caminhos de Ferro.

Realizou-se, ontem, a romaria de Santa Agueda — a popular romaria que, outrora, atraía aquela pitoresca encosta do monte de Santa Agueda, milhares de forasteiros, e onde se jogava com animação o Carnaval! Hoje... que os tempos são outros, a decadência nota-se nos folguêdos e na animação! Apesar de tudo — e não fugindo ao velho hábito, decerto constituindo velha tradição — os vizelenses lá foram, como de costume, estrada fora, acampar com os seus "farnéis", aqui e além, saboreando o salpicão e

a pinga, ao longo da estrada, para esparcecer um pouco e ver de-filar os romeiros... que este ano foram poucos!

Como se sabe, é no próximo domingo, 9 do corrente, que o Futebol Club de Vizela vai jogar a Bairro com o grupo local.

Nota-se bastante animação e entusiasmo por este encontro, esperando-se mais uma vitória para os azuis e brancos, cujo "team", parece que vai alinhar assim:

Socero; Lisboa e Piripau; Chico, Magalhães e Bráulio; Funfa, Vitorino, Mado, Oliveira e Coimbra.

O café encareceu \$300 em quilo, dizem por aqui os negociantes.

Realmente foi um salto elevado! O pão voltou para \$100 o quilo... e, afinal, é tudo, tudo, a subir de preço! Ou quase tudo...

O feijão moleiro a \$20 e \$40 o quilo!

Continua doente o sr. Alcides Ferreira, da Pensão Águia d'Ouro.

Foi colocado em Guimarães o distribuidor-supra, desta vila, José de Oliveira Monteiro, que parece passa a efectivo, entrando agora no quadro. Parabéns. — C.

AMM — Oferece-se

Ama do primeiro leite. Informa-se nesta Redacção.

VIDA SINDICAL

Sindicato Nacional da Indústria Têxtil

Sob a presidência do sr. António Pereira, e secretariado pelos srs. António Martins e Joaquim Vaz, reuniu, com elevado número de sócios, no dia 2 do corrente, pelas 10 horas, a Assembleia Geral do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga, com Sede em Guimarães, a-fim-de serem presentes aos associados o Relatório e Contas da gerência do ano findo e orçamento para o ano de 1941 e ainda proceder-se à eleição dos Corpos Gerentes para o ano corrente.

Depois de aberta a sessão, o sr. Manuel Magalhães leu o Relatório e convidou o Chefe da Secretaria para fazer a demonstração de contas e Assistência do exercício do ano de 1940, as quais foram aprovadas por unanimidade.

Em seguida procedeu-se à eleição dos Corpos Gerentes para o corrente ano, ficando assim constituída:

Assembleia Geral — Presidente, Henrique Dias da Costa; Secretário, João da Silva; 2.º Secretário, Paulino Rodrigues Peixoto.

Direcção — Presidente, Manuel Magalhães; Secretário, Belmiro dos Santos Martins; Tesoureiro, António Pereira.

Substitutos — Presidente, José Joaquim da Silva; Secretário, José Dias

Pereira; Tesoureiro, António Martins. Por vezes foi aclamado o nome do sr. Manuel Magalhães que vinha exercendo a presidência deste Organismo Corporativo, com zelo e competência, e que foi novamente reeleito para o mesmo cargo por unanimidade.

O sr. João da Silva propôs à Assembleia Geral um voto de louvor ao Chefe da Secretaria pelo trabalho que acabou de expôr e ainda pelo zelo e carinho com que recebe todos os que o procuram. Aprovado.

Por último, foi proposto ao sr. Presidente a expedição dos seguintes telegramas: Senhor Sub Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social — Lisboa. Em Vossa Excelência saudamos o Estado Corporativo que trouxe a esta classe Ordem e Justiça, deliberado em Assembleia Geral na Sede do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga Sede em Guimarães

Excelentíssimo Senhor Delegado do Instituto Nacional da Trabalho e Previdência

Braga

Sede Sindicato Têxtil Guimarães reitido em Assembleia Geral cumprimenta Vossa Excelência e agradece interesse dedicado à nossa Classe

O Presidente da Assembleia Geral
António Pereira.

A acção beneficiadora deste Organismo Sindical em prol dos seus filiados, durante o ano de 1940, foi a seguinte:

Consultas médicas aos sócios e sua família, 2.039; visitas médicas domiciliárias aos sócios e família, 206; Subsídios em pão aos sócios na Doença, Invalidez, Velhice e Desempregados, 14.601 kilos; Protecção a 230 crianças beneficiadas com a Colónia Balnear Infantil, instalada na Póvoa de Varzim.

E' positivamente um simpático benefício que bem merece a gratidão de todos os operários da Indústria Têxtil.

Sabemos que a activa Direcção deste Sindicato prosseguirá na sua benéfica Acção a favor dos seus associados.

Sindicato N. dos Operários da Indústria de Cutelarias do Distrito de Braga

AVISO

Dando cumprimento ao art.º 17 do cap. 6.º dos Estatutos, a Direcção deste Sindicato tem a honra de convidar os seus filiados a reunirem em Assembleia Geral, na sua sede, em Creixomil, no dia 16 do corrente, pelas 9 horas, sendo a ordem do dia a seguinte:

- 1.º Leitura da acta anterior;
- 2.º Apresentação do relatório e Contas;
- 3.º Eleição de novos Corpos Gerentes;
- 4.º Aprovação do orçamento de Receita e Despesa para o ano corrente;
- 5.º Comunicação da Direcção.

Não comparecendo, à hora acima mencionada, número legal de sócios, esta Assembleia funcionará uma hora depois, com qualquer número de associados.

Guimarães, 7 de Fevereiro de 1941.

O Presidente da Assembleia Geral,
Artur Antunes.

COMARCA DE GUIMARÃIS

Secretaria Judicial

Anúncio

Pelo presente anuncia-se que tendo o comerciante João Barbosa Mora, casado, com estabelecimento na Rua de Gil Vicente, n.º 116, desta cidade, apresentado em Juízo proposta de concordata preventiva, nos termos do art.º 1252 do Código do Processo Civil, foi ela, por despacho de hoje admitida, sendo marcado o prazo de vinte dias para os credores do requerente apresentarem na Secretaria Judicial os requerimentos indicando a natureza, montante e proveniência dos seus créditos. — Foi nomeado comissário Judicial, o administrador de falência nesta comarca, José Pereira Gonçalves, morador nesta cidade.

Guimarães, 1 de Fevereiro de 1941.

O Chefe da 1.ª Secção,
Casimiro António Soares da Silva.

VERIFIQUEI.

O Juiz de Direito,
Rodolpho Arthur d'Abreu.



Dicionários adoptados nesta Secção: — Torrinha, Moreno (compl.), Povo, Roquete (ling. e sin.), sin. de Bandeira.

CAMPIONATO DE NOVÍSSIMAS

No almôço comemorativo do 2.º aniversário desta secção, o nosso prezado Director sr. Antonio Dias Pinto de Castro, teve a gentileza de oferecer, para um futuro torneio, a magnífica e monumental obra "GUIMARÃIS", já muito conhecida pelo seu valor histórico, literário e artístico, que constitui um excelente prémio para o vencedor.

Porém, como se trata de um só prémio, mas de valor superior a 100\$00, resolvemos fazê-lo disputar num Campeonato de Novíssimas por eliminatórias, para o qual elaboramos o seguinte

Regulamento

- 1.º — Podem concorrer todos os charadistas em geral, assinantes ou não.
- § Único — Concedem-se assinaturas especiais que findarão com o final do Campionato.
- 2.º — Cada concorrente enviar-nos-á até ao dia 12 de Março próximo, duas charadas novíssimas, com a indicação de C. N. Tais charadas devem formar uma frase perfeita e conceitosa quanto possível, sem exceder 9 palavras.

3.º — Cada produtor deverá mencionar em cada trabalho não só o seu pseudónimo, mas também o nome e endereço.

4.º — Todos os trabalhos serão publicados sem pseudónimo.

5.º — Um árbitro competente, que se conservará incógnito até ao fim do torneio, escolherá em cada número 50 % dos trabalhos publicados.

6.º — Os trabalhos escolhidos facultam aos seus autores, a entrada na eliminatória seguinte, na qual concorrerão com mais 2 produções.

7.º — Haverá tantas eliminatórias quantas as necessárias até que restem somente dois concorrentes que disputarão a final.

8.º — Os dicionários são os acima indicados, mas não são admitidos os *vêdes e mesmo que*.

9.º — Ao vencedor de cada eliminatória será conferido um diploma.

10.º — Terminado o prazo marcado, dar-se-á início à 1.ª eliminatória, publicando num ou mais números todos os trabalhos recebidos, ou seja, dois de cada concorrente.

Desempate da 8.ª Série

Em verso

ANTIGAS

1) Estás zangada? Arrufos com certeza... porque eu não julgo não, inferior — 2 (ainda que me jures, meu amor) essa paixão que vejo sempre acesa.

E podes crer, meu bem, que essa dureza, embora não o penses, tem valor! — 2 Pois nos teus olhos vejo só calor, aquilo que tu julgas ser frieza.

E para não ferir o teu orgulho eu vou dizer-to, sem fazer barulho, Aqui para nós dois e mais ninguém...

Minha querida, chama-se despeito aquilo que reside no teu peito, aquilo que tu julgas ser *desdem!*

2) A única Verdade! Verdadeiro na Vida não há nada, tudo possui um ven de irrealidade, desde a Paixão ativa e idolatrada, aos dogmas ilusórios da Igualdade!

Se a crença em Deus é pura e confirmada, os corações lhe dão a falsidade! Tudo caminha na fictícia estrada do Irreal, a única Verdade!

Muito e muito padece o coração que crê, ingenuamente, na Ilusão de que é real a Vida que presente!...

Engana a alma o sonho traiçoeiro, pois na Vida, de certo e verdadeiro, só a Morte haverá, *provavelmente!* 2-1-12

Em prosa

MEFISTOFÉLICAS

3) Os que de maneira ruim procedem, afastam-se do bom caminho. — (2-2) 3

4) Corrige os maus hábitos e terá dias menos difíceis. — (2-2) 3

Soc. Charadística Setubalense

Este valoroso grupo charadístico está organizando um album com fotografias de todos os charadistas portugueses e brasileiros. Lembramos a todos os *edipistas* esta genial iniciativa para o qual poderão concorrer, enviando as suas "fotos", a "S. C. S.", Avenida Todi — Setúbal.

— O prazo também saiu errado. Finda em 23 do corrente.

— MENTARFA deu por finda a missão de "A Esfinge Oliveirense". Lamentamos o seu desaparecimento, pois habitamos-nos a ver em MENTARFA um bom Director e na sua secção um belo propagandista da arte.

— Por uma das últimas Ordens do Exército, o conhecido charadista e brilhante poeta ONDIS, acaba de ser promovido a Tenente. Ao confrade Amigo os nossos sinceros parabéns.

Lusbel.

No n.º passado, as soluções publicadas referem-se ao n.º 1 e não 12 como saiu.

Correspondência: — J. GARCIA — Rua Egas Moniz, 85 — Guimarães

Perfume delicioso
Voluptuoso como o amor
Persistente como a saúde

Água de Colónia "FLORES DE MAIO"

As pessoas da mais distinta sociedade a elegem e preferem. Use Colónia Flores de Maio no lenço, nas mãos, no colo... quando fôr ao baile, ao teatro ou ao cinema.

Sabonetes "Flores de Maio" Produz suave e abundante espuma... } \$350
Rouge "Flores de Maio" Macio como uma pluma } \$600
Pó de arroz "Flores de Maio" Aderente, conserva-se todo o dia... } \$250
Brilhantina "Flores de Maio" Dá brilho e perfume... } \$800

Preços: 1\$50, 3\$, 10\$, 18\$, 30\$ e 60\$

Água de Colónia "FLORES DE MAIO"

Compre um pequeno frasco e não resistirá a comprar um maior.

Só se vende nos bons estabelecimentos.

FOGÃO COM ESTUFA

VENDE-SE um fogão com estufa, em bom uso, medindo, 1m de comprimento e 60 cm. de largura. Nesta Redacção se informa.

QUARTO

Mobilado. Aluga-se. Informa esta Redacção. (24)

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarães»